

## O MEM e a educação em creche

Finalmente, no dia 14 de maio, através do zoom que serve o MEM, reunimos mais de quatro dezenas de educadoras que trabalham em creche.

Mal passara o susto das orientações erráticas da Secretaria de Estado da Ação Social, seguiu-se a posição mais atenuada da autoridade central de saúde pública que a Direção Geral de Saúde desempenha. Pedem-se planos de contingência, protocolos sociais de prevenção e de distanciamento; dispositivos de desinfeção e impedimentos de relacionamento social das crianças e de aproximação direta das famílias que não facilitam o reencontro afável que merecem as crianças que voltam, isto é, que dão continuidade a tantas coisas que juntos vivemos desde o início do ano letivo ou de há mais tempo ainda.

Em conjunto compreendemos que, apesar das regras condicionadoras para prevenção da doença, trata-se sobretudo de dar continuidade a um projeto educativo que é um currículo da vida que vimos partilhando.

Entre os grupos de bebés/crianças e as respetivas profissionais de educação (educadoras, auxiliares e outros) há que manter as mesmas fratrias e a função mediadora da história daquelas vidas e da cultura que na creche socializa e faz crescer.

Interromper por muito mais tempo e falsear o encontro educativo seria confundir a creche com o canil. Foi o médico de referência que é Gonçalo Cordeiro Ferreira, diretor da área de pediatria médica do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central, que, em declaração ao Expresso de 9 de maio, avançou que “se a preocupação fosse apenas de saúde, então as crianças continuariam confinadas”. E acrescentou ainda que “as crianças não podem ficar separadas. [...] Se assim for, corremos o risco das creches se transformarem numa espécie de canil.”

O que educa, no âmbito da educação de infância de que falamos, é uma experiência de vida prolongada onde as crianças aprendem umas com as outras e com os profissionais de educação que delas cuidam quando, ao mediarem a sua formação, com elas se formam também.

Nessa reunião virtual de dia 14 partilharam-se formas de organização preventiva da doença, da insegurança e dos nossos medos defensivos com toda a autenticidade. Mas procurámos sempre não fazer regredir as nossas práticas educativas que em comum fomos construindo no MEM.

Nenhuma força infundada nos poderá roubar o cimento que consolida a nossa identidade. Tal perda conduziria ao desmembramento de um património pedagógico que desde há dezenas de anos nos fez trabalhar, por exemplo, na instituição das amas, na sua formação e na formação das educadoras para sua supervisão.

Fez-nos, mais tarde, a partir do Centro Infantil de Olivais Sul e num número alargado de outros centros infantis, aperfeiçoar e reumanizar as creches dos serviços de ação social do Ministério do Trabalho e da Segurança Social bem como dos esforços pioneiros de

inclusão dos bebés surdos (18 meses) pela integração da língua gestual portuguesa no Jardim de Infância de A-da-Beja com uma considerável equipa de profissionais de educação do MEM.

Recorde-se, por fim, os avanços conseguidos na atualidade para contextualização da atividade educativa em creche pelas educadoras e as/os docentes do Ensino Superior que vêm refletindo e publicando os esforços teóricos orientados pelo modelo pedagógico do MEM e pelos interlocutores que elegemos, no âmbito de uma perspetiva sociocultural para a educação institucional.

As derivas dos próximos 10 dias da educação em creche fortalecerão o caminho que escolhemos prosseguir, apoiados pelas nossas reuniões semanais à distância. Assim ficaremos mais perto.

Sérgio Niza